

SÃO PAULO E SUAS TRANSFORMAÇÕES URBANAS

SÃO PAULO AND ITS URBAN TRANSFORMATIONS

Silvia Soler BIANCHI¹

“Lá fora o corpo de São Paulo escorre
vida ao guampasso dos arranhacéus”

Mario de Andrade.

RESUMO

Este artigo trata das transformações urbanas ocorridas na cidade de São Paulo no final do século XIX e como isso repercutiu de forma positiva para a cidade de hoje. Uma província sem expressão que se transformou na maior cidade brasileira, superando outras cidades importantes dos tempos de colônia.

Palavras-chave: Urbanização. Imigração. Modernização. Cidade de São Paulo.

ABSTRACT

This article deals with urban changes in the city of São Paulo at the end of the 19th century, and their positive effect on that city, transforming it from an expressionless provincial town into the largest, most important Brazilian city, surpassing towns prominent during the colonial period.

Keywords: Urbanization. Modernization. City of São Paulo.

A nossa grande São Paulo nem sempre foi uma grande cidade, tão populosa e majestosa como se impõe nos dias atuais. Nasceu em 1554, mas durante séculos permaneceu discreta, modesta, estagnada. As transformações urbanas sofridas por São Paulo aconteceram de forma lenta até o século XIX quando então se deu início a realização de planos urbanísticos de

¹ Doutora em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Mestre em Educação, Administração e Comunicação. Especialista em Psicopedagogia e em Ciências Humanas, Letras e História.

características haussmannianas². Neste período houve a criação do conceito de “cidade moderna” com avenidas, edifícios, parques e jardins planejados, boulevares, esculturas monumentais, ruas pavimentadas, com iluminação a gás e sistema sanitário.

Apresentaremos aqui mudanças urbanísticas ocorridas a partir de 1870, período este de grandes transformações sociais. Destacaremos a grande contribuição que veio com o crescimento das lavouras de café, que em muito contribuiu para a articulação de um sistema ferroviário, que teve como centro de todo esse sistema a cidade de São Paulo, provocando a implantação de novas práticas comerciais, novas formas de comércio e uma nova arquitetura com a construção de edifícios mais altos, alargamento e alinhamentos de ruas, afastamento da pobreza para as zonas periféricas, por fim, adequando-a, de certa forma a elite capitalista que começara a crescer. Portanto foi adotado um modelo, o parisiense, que era o mais buscado no momento, pois, simbolizada progresso. Obviamente havia por trás disso um interesse de inserção internacional do poder público e dos comerciantes em fazer de São Paulo uma capital internacional, de dar a ela uma fachada europeizada. A cidade crescia com a expansão do café para o oeste paulista.

Este processo de mudanças influenciava também no comércio, promovendo a construção de locais para atender essa nova sociedade que nascia.

Crescimento urbano em São Paulo a partir a partir de 1870

A partir da segunda metade do século XIX São Paulo, capital de província, passa por um processo de transformação urbana, que foi fortemente acentuado nas primeiras décadas do século seguinte. Até a proclamação a República a cidade de São Paulo era considerada um vilarejo, sem atrativos, de casas semi-arruinadas em todas as ruas centrais, de cortiços espalhados por toda a cidade, de um escasso transporte público, de pouca iluminação das ruas, feitas através do uso de lampiões públicos de azeite e de uma precária

² O termo refere-se a Georges-Eugène Haussmann, (1809-1891), advogado, funcionário público, político e administrador francês no governo de Napoleão III (1852-1870) responsável pela remodelação de Paris.

condição sanitária com esgotos a céu aberto, provocando, de certa forma, o perigo de epidemias.

Entre 1828 a 1872 São Paulo mantinha características dos moldes tradicionais do período colonial, somente a partir de 1870 isso foi rompido de forma radical, tanto que em 1875 foi imposto pelo código de posturas municipal³ uma largura e uma altura mínima para edificações particulares, bem como proibição de construção de casas com alpendre e casas com sótãos para a frente como podemos observar nas colocações de Ernani Bruno: “[...] 1875 proibiu a construção de casas de meia-água e de sótãos de cumieira para a frente.” (BRUNO, 1954, p.918)

A seguir temos uma planta da cidade de São Paulo de 1877, muito modesta onde encontramos alguns edifícios, linhas férreas, igrejas e ainda podemos localizar o Jardim e a Estação da Luz:

Figura 1: Planta da cidade de São Paulo – 1871



Fonte: (FREHSE, 2005).

Trata-se de uma planta da cidade que nos mostra a área então urbanizada, seus principais edifícios e instituições, abrange uma grande parte do território que hoje corresponde à região metropolitana de São Paulo.

³Código de posturas municipais: originariamente eram documentos que reuniam o conjunto das normas municipais, em todas as áreas de atuação do poder público. Com o passar do tempo, a maior parte das atribuições do poder local passou a ser regida por legislação específica (lei de zoneamento, lei de parcelamento, código de obras, código tributário etc), ficando o Código de Posturas restrito às demais questões de interesse local, notadamente aquelas referentes ao uso dos espaços públicos, ao funcionamento de estabelecimentos, à higiene e ao sossego público.

A região central estava repleta de residências populares, cortiços e atividades obscuras como a prostituição, somente com as reformas efetuadas nesta região seguidas da expulsão dos populares dos casarões de taipas ainda do período colonial pelo prefeito Antônio Prado⁴ e Duprat⁵ é que foi garantida a valorização das ruas centrais.

Em meados do século XIX, não existia uma significativa atividade econômica e sim uma reduzida atividade industrial e um comércio deficiente. As indústrias neste período revelavam um pequeno desenvolvimento, as atividades em sua maioria eram de confecção caseira, de fábricas rudimentares ou de pequenas oficinas artesanais. O comércio de alimentos era realizado a céu aberto, somente com o tempo o poder municipal se preocupou em criar locais mais espaçosos e adequados, então passaram a existir locais para feiras-livres, que eram locais específicos para a venda de peixes, cereais, frutas, verduras, etc.

Podemos ter um quadro da cidade observando as palavras de Paulo Cesar G. Martins:

As condições precárias das habitações populares generalizavam-se tanto nas antigas construções de taipa e tijolos a área central, quanto casinhas que pipocavam nos bairros e arrabaldes localizados ao longo das linhas férreas [...] (MARINS, 2006, p.172)

Ou ainda:

Alinhadas diretamente as calçadas, as habitações populares formaram a paisagem marcante dos bairros de imigrantes, em cujas janelas debruçadas sobre as ruas rompia-se desejada diferenciação espacial das elites empenhadas em discernir fronteiras entre espaços públicos e privados. (MARINS, 2006, p.173)

Entre os anos de 1828 a 1872 ouve um tímido crescimento da cidade de São Paulo em consequência da Faculdade de Direito. Os estudantes de direito tiraram a cidade de suas características coloniais, introduziram novos costumes: novas modas no vestuário, caçadas, natação, o flerte, a bebida, as orgias, o hábito de se reunirem para conversas e divertimento, por fim, levaram

⁴Antônio da Silva Prado(1840- 1929). Político e empresáriobrasileiro, 1º prefeito de São Paulo (1899-1911). Foi responsável pelas grandes reformas urbanas ocorridas neste período

⁵Raymundo Duprat (1863-1926). Político brasileiro, 2º Prefeito da cidade de São Paulo (1911-1914). Deu sequencia as reformas urbanas de Antônio Prado.

a vida para as ruas, com tradições, costumes e tabus sendo analisados e discutidos ela mocidade. Contribuíram para o aparecimento de hotéis, de cafés e confeitarias, entre outros divertimentos. Acabaram proporcionando um aumento no comércio, que passou a desenvolver de forma efetiva nos anos de 1870 devidos a fatores que veremos a seguir. É importante lembrar aqui que a criação da Faculdade de direito em 1827, contribuiu para fazer da cidade, neste período, apenas um burgo de estudantes, visto que nas férias escolares a cidade ficava um verdadeiro marasmo como nos diz Augusto Emílio Zahar: “Quando os estudantes de direito saíam para as férias, interrompia-se a vida por assim dizer fictícia da cidade, e ela recaía no seu estado habitual de sonolência.” (ZALUAR, 1975, P.137)

Podemos ter uma visão de São Paulo em 1870, a partir do poeta Castro Alves que escreveu a um amigo em 1868: “São Paulo não é o Brasil, é um trapo pregado a goma-arábica na fralda da América”. Nos anos seguintes a cidade passou a ser vista com olhos mais otimistas como nos diz Ernani Bruno:

[...] até 1870 a província de São Paulo permaneceu estacionária, não se vendo crescerem de modo perceptível sua população, a sua riqueza, nem tampouco os melhoramentos materiais de que tanto carecia” (BRUNO, 1954, p.452).

Figura 2: Foto do Largo São Bento em 1862/1863. Fotografia de Militão Augusto de Azevedo



Fonte: Acervo da Biblioteca Mário de Andrade/ SMC, São Paulo.

Como podemos observar na fotografia do Largo São Bento de 1862/1863 certo ar provinciano em que acabamos dando credibilidade aos comentários de Affonso de Freitas que em 1870 havia um grande ruralismo em várias regiões de São Paulo onde era até possível ir a caça: “Nos próprios campos do Bexiga, abrangendo todas as terras localizadas entre a rua da Consolação e a rua de Santo Amaro, ainda em 1870 se caçavam veados, perdizes e até escravos fugidos” (FREITAS, 1985, p.11). No decorrer dos anos seguintes houve um acréscimo da população impondo, de certa forma, que houvesse um retalhamento das chácaras e dos matagais que dominavam a cidade até então para a formação de ruas, largos e edifícios, ganhando São Paulo uma feição mais urbana.

As mudanças políticas advindas da Proclamação da República em 1889, os imigrantes estrangeiros, as migrações internas, principalmente as vindas do meio rural e a abolição dos escravos contribuíram para que esse quadro provinciano mudasse, fazendo com que a cidade criasse toda uma estrutura para adequar a todas estas mudanças político-sociais.

A Proclamação da República contribui para a autonomia dos Estados, dando a liberdade, permitindo assim atuação dos poderes públicos na área urbanística.

A imigração teve início no Brasil no século XIX estimulada por D. João VI, quem ainda em 1808, quando chegou ao Brasil criou um decreto que permitia aos estrangeiros ter posse de terras pelos anos. Em 1818, chegaram 1500 colonos suíços, que fundaram Nova Friburgo no atual estado do Rio de Janeiro (DIMENSTEIN, SOUZA, 2003, p.44). Podemos encontrar nos anos de 1870 uma grande quantidade de imigrantes vindos para o Brasil, a princípio italianos que se instalaram na região sul, mas com o crescimento do café vieram para a região sudeste. Em 1880, o número de imigrantes vindos de diversos países cresceu desordenadamente, havia somente na cidade paulista 52,4%, todos os residentes estrangeiros no Brasil, Boris Fausto nos dá uma estatística da quantidade de imigrantes que vieram para São Paulo: “Considerando-se o período 1887-1930, os italianos formaram o grupo mais numeroso, com 25%do total, vindo a seguir os portugueses (29%) e os espanhóis (14,6%).” (FAUSTO, 2003, p.276).

Mas a partir de 1900 muitos se mudaram para os centros urbanos afastando-se da exploração de fazendeiros que impunham regime de semiescravidão. São Paulo uma cidade em expansão abrigou estes imigrantes e tantos outros nas mesmas condições, aproveitando-os para mão de obra. Foi a indústria e o setor terciário que recebeu e cresceu com esta mão de obra. Aos poucos muitos imigrantes deixaram as indústrias para trabalhar como artesãos autônomos, pequenos comerciantes, motoristas de ônibus e táxi, vendedores de frutas e vegetais, sapateiros, garçons de restaurante, contribuindo assim para uma nova cidade. Segundo Boris Fausto os imigrantes mudaram costumes brasileiros, incluindo novos hábitos:

Os imigrantes mudaram a paisagem social do Centro-Sul do país, com sua presença nas atividades econômicas, seus costumes, seus hábitos alimentares, contribuindo também para valorizar uma ética do trabalho. [...] Quando pensamos no seu papel no desenvolvimento do comércio e da indústria, em Estados como São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, a resposta afirmativa é quase espontânea, (FAUSTO, 2003, p.281).

Os imigrantes em muito participaram para o crescimento comercial em São Paulo, segundo Michael Hall os portugueses trouxeram sua contribuição no comércio de alimentos, ficando conhecidos mais tarde como os melhores proprietários de padarias:

Atuaram também no ramo de comércio ambulante e das feiras livres, vendendo gêneros alimentícios como frutas, legumes e verduras, concentrando a produção e comercialização destes. A ascensão de alguns à posição de atacadistas, concentrou-os, principalmente, (HALL, 2004, p.135).

No que tange a importância da abolição da escravidão podemos dizer que em muito contribuiu para a transformação na estrutura da cidade de São Paulo. Muitos ex-escravos foram os migrantes da região rural para os centros urbanos e tornaram assim agentes sociais da urbanização da cidade que estava ainda ligada a cultura rural cafeeira, assim nos diz Liana Salvia Trindade:

Os negros atuaram na formação dos setores administrativos, no comércio de produção e vendas de produtos de bens de consumo interno, atividades que caracterizam a emergência da urbanização. Eles comercializavam bens de consumo, mendigavam, vendiam pequenos produtos e artefatos de madeira (móveis) e de metais

(pratos,jóias); eram artesãos, pois praticaram nas oficinas das senzalas a tradição africana da arte do trabalho em metais. Exercendo ofícios de artesãos, trabalhavam no corte de madeira para confeccionar objetos de uso e esculpir imagens de santos. Também eram ourives além de mediadores do comércio clandestino de gêneros alimentícios. (TRINDADE, 2004, p.101).

Percebemos aqui a participação da mão de obra dos negros na vida social e cultural de São Paulo, resultado da abolição da escravatura.

Antes da abolição da escravatura alguns barões do café e fazendeiros que produziam cana-de-açúcar já possuíam residência na cidade de São Paulo na região da Luz, onde se instalavam em palacetes como nos diz Paulo Cesar Garcez Marins:

A região da Luz, ao norte da cidade, abrigou ainda no Império os primeiros fazendeiros instalados em palacetes, semelhantes àqueles neoclássicos que povoavam as estradas do Botafogo e Flamengo, vitória ou várzea do Capibaribe. Afastados do alinhamento das ruas, e mobiliados e decorados de acordo com o gosto suntuoso do Segundo Império francês. [...] Os integrantes antigos das elites locais, ou migradas, que ainda resistiam nas ruas centrais foram progressivamente abandonando os sobradões e a vizinhança social heterogenia de ruas quase todas povoadas de casa térreas, intimamente associada a população negra, que sobrevivia de agências improvisadas, num cotidiano urbano alheio aos proventos do café cultivados em distantes áreas do interior da província (MARINS, 2006,171).

Ficavam nestes palacetes porque se viram obrigados a fixar residência na província devido aos interesses econômicos surgidos principalmente da expansão do café para o Oeste do estado e do estabelecimento das ferrovias - Santos-Jundiaí, Mogiana e Sorocabana, que facilitava o envio de mercadoria até o Porto de Santos. Evitando assim os grandes descolamentos para São Paulo, surgindo assim as residências da elite como um local onde podiam ficar na maior parte do tempo. Essa migração da elite paulistana também contribuiu para o crescimento do comércio, principalmente o mais sofisticado, para receber este público exigente.

Com o afastamento da luz, buscaram outras opções e os lotes na região da Avenida Paulista era uma ótima ideia.

A Avenida Paulista é um exemplo característico da vinda da elite rural que construiu grandes casarões na cidade. A cidade de São Paulo no final do

século XIX ainda era muito precária e simples como podemos observar na gravura que segue:

**Figura 3: Inauguração da Avenida Paulista em dezembro de 1891.
Aquarela sobre papel, autor: Jules Martin.**



Fonte: Museu Paulista da USP.

O local foi escolhido por Joaquim Eugênio de Lima porque havia o interesse em criar ali um grande boulevard, era um local privilegiado, alto, de boa localização como nos mostra Paulo José da Costa Jr.:

Como se pretendia dotar São Paulo de um grande boulevard, foi escolhido aquele local privilegiado, que era o espigão divisor das águas dos rios Pinheiros e Tietê. Na época, o local era conhecido como Alto do Caaguaçú, que significa “mata grande”.

A avenida dispunha de três quilômetros de comprimento e trinta metros de largura.

Como Eugênio de Lima pretendia que fosse toda ela plana, procedeu-se ao aterro do vale existente, na altura do túnel da avenida Nove de julho, (COSTA JR., 2007, p.35)

Os boulevards significavam a modernidade pois em Paris existiam muitos deles mostrando uma civilização inspiradora dessa modernidade. E assim surgiu a avenida que é hoje um dos logradouros mais importantes do município de São Paulo. É considerada um dos principais centros financeiros da cidade, e também um dos seus pontos turísticos mais característicos, a avenida revela sua importância não só como pólo econômico, mas também como centralidade cultural e de entretenimento.

Destacamos a seguir a influência do período da *Belle Époque* para a cultura brasileira, especificamente a paulistana deste período.

Costumamos definir *Belle Époque* como um período de pouco mais de trinta anos que, que iniciou por volta de 1880, que se prolongou até a I Guerra Mundial em 1914. Mas essa não é, logicamente, uma delimitação matemática: na verdade, *Belle Époque* é um estado de espírito, sinônimo de progresso, em que a receita era dada pela França da Restauração⁶ que se manifestou em dado momento na vida de determinado país. No Brasil, a *Belle Époque* situa-se entre 1889, data da proclamação da República, e 1922, ano da realização da Semana da Arte Moderna em São Paulo, que buscou resgatar as raízes brasileiras. Foi precedida por um curto prelúdio da década de 1880 e prorrogada por uma fase de progressivo esvaziamento, que perdurou até 1925.

As reformas realizadas pelos dois primeiros prefeitos, Antônio Prado e Duprat, foram influenciadas por este período tão mágico de nossa história. Estas reformas foram semelhantes as ocorridas no Rio de Janeiro no mesmo período, que tinham o intuito de promover espaços públicos bem definidos dando uma aspecto europeizado. Essas reformas provocaram uma separação social processada através de áreas distintas para a elite a população mais pobre da cidade. A busca do viver “civilizado” criou bairros elitizados como Campos Elísios, Luz, Higienópolis, etc. expulsando definitivamente a população “incivilizada” da cidade, passando a região central a abrigar um comércio, no final do século XIX, para essa classe social abastada, em busca de novos artigos de consumo.

Um dos grandes responsáveis pela arquitetura urbana do final do século XIX e início do século XX foi o grande arquiteto Ramos de Azevedo que podemos observá-lo em seu escritório de trabalho na gravura a seguir:

Figura 4: Retrato do Arquiteto Ramos de Azevedo – Artista: Oscar Pereira da Silva (1865– 1939)

⁶ França da Restauração: termo usado na história da França para designar o restabelecimento do regime monárquico; faz referência ao reinado de Luiz XVIII (1814 a 1824), primeiro monarca a reinar na França depois da revolução. Segundo o positivista Augusto Comte, foi considerado o monarca mais nobre, honesto e liberal da história da França.



Fonte: Pinacoteca do Estado de São Paulo

Francisco de Paulo Ramos de Azevedo foi engenheiro e arquiteto, possuía o maior escritório de projetos do final do século XIX e início do século XX denominado de F. P. Ramos de Azevedo e Cia. Possuía grande habilidade para lidar com o poder público e os interesses privados, ocupou muitos cargos de comando e responsabilidade. Tornou-se famoso pelas suas obras arquitetônicas, possuía um escritório Técnico de Projeto e Construção na rua Boa Vista, mantinha um numeroso grupo de engenheiros e arquitetos que, trabalhavam sob sua direção, tais como Victor Dubugras (1868 - 1933), Domiziano Rossi (1865 - 1920), Anhaia Mello (1891 - 1974), Ricardo Severo (1869 - 1940) e Arnaldo Dumont Villares (1888 - 1965).

Elaborou vários projetos na cidade, desde hospitais, asilos, quartéis, escolas, institutos, residências, edifícios públicos até matadouros. Temos como suas principais obras, na cidade de São Paulo, os prédios das "Secretarias de Estado", no pátio do Colégio, 1886/1896; o quartel da polícia, 1888/1891, no bairro da Luz; a Escola Normal, 1890/1894, e o jardim-de-infância, 1896, na praça da República; a Escola Prudente de Moraes, 1893/1895; a Escola Politécnica, 1895/1897; o Asilo do Juqueri, 1895/1898; o Liceu de Artes e Ofícios, 1897/1900 (hoje Pinacoteca do Estado de São Paulo); o Portal do Cemitério da Consolação, 1902; o Theatro Municipal de São Paulo, 1903/1911; o Instituto Pasteur, 1903, e o Grupo Escolar Rodrigues Alves, 1919, na avenida Paulista; o Palácio das Indústrias, 1917/1924, no parque D. Pedro II; e a agência central dos Correios, no vale do Anhangabaú, 1922.

Ramos de Azevedo implantou um modelo arquitetônico moderno em estilo europeu, característico da *Belle époque*, trazendo para a cidade um nova feição.

Temos a seguir dois exemplos de construções deste período, o Teatro Municipal inaugurado em 1911, projetado pelo escritório da Ramos de Azevedo:

Figura 5: O Teatro Municipal de São Paulo em 1911.



Fonte: Acervo do Teatro Municipal de São Paulo

Aqui a Estação da Luz, projetada pelo engenheiro inglês Henry Driver, sendo similar à Flinders Street Station, uma estação existente em Melbourne, Austrália, contruída primeiramente em 1867, a atual foi cosntruída entre 1895-1901.

Figura 6: Estação da Luz em 1900 – Fotografia de Guilherme Gaensly (1843-1928)



Fonte: Pinacoteca do Estado de São Paulo

Em meados do século XIX a América do Sul foi-se tornando no sistema mundial um mercado consumidor devido a crescente produção industrial europeia. Com a vinda da família real e a abertura dos portos por D. João VI muitos produtos industrializados passaram a ser descarregados aqui, permitindo que muitos ingleses iniciassem uma atividade comercial intensa, desde abertura de lojas até vendedores ambulantes, os chamados caixeiros viajantes.

No século XIX o local mais movimentado da cidade de São Paulo era o chamado hoje de “Centro Velho”, onde os comerciantes instalavam seus negócios entre as ruas São Bento, XV de Novembro e Direita, consideradas locais excelentes para o comércio na cidade pois formavam o chamado triângulo “chic”, sendo a região muito procurada para as compras. O triângulo era contornado pelas três principais igrejas: São Bento, São Francisco e do Carmo. Estes locais abrigavam um público mais exigente, que buscava produtos variados, importados e de maior qualidade para seu consumo. Para atender esta clientela os comerciantes colocavam à venda vários produtos que contribuíram para a mudança de hábito do cidadão paulistano e brasileiro, ocasionando profundas mudanças culturais na cidade.

Esse período vem modificar os costumes na tradicional cultura conservadora e colonial brasileira. A ideia de modernidade que estava associada no período à Europa, mormente França e Inglaterra. O Brasil era

uma espécie de cópia da França, que mostrava sua presença trazendo no vestuário, nos objetos de uso, na decoração, na arquitetura, por fim nos costumes e no comportamento principalmente da elite paulistana.

Hernani Bruno faz um comentário muito interessante sobre esse comércio colocando:

As lojas principais, quase todas pertencentes a estrangeiros – quando não a portugueses, eram de franceses ou de alemães [...]. Entretanto sabe-se que ainda em 1870 o comércio paulistano acusava alguma indistinção, com grande mistura de ramos nos mesmos estabelecimentos, e ao lado das lojas elegantes das francesas, na rua Direita, ou das outras, menos discretas, em que se ostentavam panos e bugigangas pendurados pelas portas [...]. (BRUNO, 1954, p.672-673).

Por volta de 1893, há uma grande mudança na maneira de viver na sociedade e na vida do paulistano, muitos hábitos passam a ser adotados, temos como exemplo o de frequentar restaurantes, que antes não existiam, pois não era comum comer fora de casa. Os primeiros a surgir foram os restaurantes franceses, seguidos posteriormente de muitos outros estrangeiros, desenvolveu-se a gastronomia, que passa a fazer parte da vida também dos hotéis, mas ainda muito simples. Todo esse crescimento se estendeu durante todo o século XX, intensificando a partir dos anos 1950.

Hoje, a cidade de São Paulo, vem através de um processo grande de crescimento a ser a maior metrópole brasileira, é um grande pólo de negócios da América Latina, concentra 30% de todos os investimentos privados realizados em todo território nacional e é considerada a 3ª maior cidade do mundo. Não podemos nos esquecer de que ela tem uma memória, uma história para contar, venceu muitos desafios. É uma cidade de muitos, abriga cidadãos de várias nacionalidades e por incrível que pareça ainda cresce.

REFERÊNCIAS

AMERICANO, Jorge. *São Paulo Naquele Tempo (1985-1915)*. São Paulo: Carrenho Editorial, 2004.

BRUNO, Ernani Silva. *História e Tradições da Cidade de São Paulo: Burgo de Estudante (11828-1872)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. Vol.II.

_____. *História e Tradições da Cidade de São Paulo: Metrópole do Café (1872-1918, São Paulo de agora (1918-1954))*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. Vol.III.

DIMENSTEIN, Gilberto; SOUZA, de Okky. *São Paulo 450 anos luz*. São Paulo: Editora de Cultura, 2003.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003.

FREITAS, Affonso A.de. *Tradições e reminiscências paulistanas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

FREHSE, Fraya. *O tempo das ruas na São Paulo de fins do Império*. São Paulo: Edusp, 2005.

MORAES, José GeraldoVince de. *Cidade e Cultura urbana na Primeira República*. São Paulo: Atual, 1994.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História nº.10. São Paulo: PUC, 1993.

PORTA, Paula (org.). *História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX*, São Paulo: Paz e Terra, 2004.

SCHUWARCZ, Lilia Moritz. *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, vol.4.

SEVCENKO, Nicolau. O Prelúdio Republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Modernidade, Cultura popular e táticas de preservação na alvorada republicana*. São Paulo, n. 148, p. 205-220. *Revista de História*, 2003.

_____. *História da vida privada no Brasil: República- da Belle Époque à era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ZALUAR, Augusto Emílio. *Peregrinação pela Província de São Paulo (1860-1861)*. São Paulo: Itatiaia Editora, 1975.